

6. Continuação da viagem no Nepal e regresso à Índia

Assim que me indicaram o caminho que tinha de seguir, pus-me logo a andar o mais depressa que pude. Já tinha um atraso de 3 horas e ainda nem estava no caminho certo. Contudo, a beleza que me rodeava, fez com que esquecesse as dores que sentia no corpo.

Nas primeiras horas, caminhei ao longo de um rio de águas cristalinas que descia do topo das montanhas, onde a neve estava sempre presente.

Abria o seu caminho, através das montanhas e vales. Por vezes em forma de pequenos riachos, outras vezes em cascatas ou em águas turbulentas. Por vezes calmo, trazendo a frescura das suas águas a boca dos homens e mulheres daquela terra.

Depois de passar uma das muitas pontes suspensas que normalmente marcavam o início ou o final de uma aldeia conheci outros três viajantes, um inglês e dois suecos. As últimas 3 horas foram feitas na sua companhia. Eles acharam bastante estranho eu andar de calças de ganga, estranharam ainda mais, quando lhes disse que esse era o meu primeiro trekking. Que toda a roupa que tinha, estava dentro do pequeno saco que tinha às costas. Na verdade metade das roupas estavam de fora, porque não tinha espaço dentro da mochila.

Nessa noite dormimos numa pequena casa de madeira, sem janelas. Os donos da casa eram nepaleses. Serviam comida e alugavam quartos. Essa era a segunda fonte de sustento da família, a primeira, aquela que realmente trazia o sustento à família, era o trabalho de carregadores. Um trabalho duro e cansativo, que consistia em trazer pesadas cargas, algumas até 80 Kg.

Chegada a noite, o meu corpo reclamava das dores e a minha cabeça zumbia de dor. Um dos meus novos companheiros, entrou no quarto, perguntando se estava bem. Com um olhar dorido respondi que sim. Ele tentou animar-me, dizendo que depois de comer uma sopa de cebola, iria sentir-me como novo. No outro dia como que por magia, sentia-me como novo. Acordei cedo e cheio de energia, ao contrário dos meus companheiros. Comi uma sopa de cebola - que foi o meu pequeno almoço desde esse dia - e ouvi as notícias através da boca do homem da casa.

- Houve um ataque dos Maois à polícia, foi ontem à noite. Morreram 13 polícias.
- Disse com um ar assustado.- Em que zona foi o ataque?
- Numa aldeia próxima, chamada Sete.
- Acha que há perigo para nós?
- Não..., penso que não. Eles normalmente deixam os turistas em paz.

Partimos juntos, eu e os meus novos companheiros. Todos nós tínhamos receio de encontrar os Maois. Lá por eles normalmente não fazerem nada aos turistas, isso não significava que não pudesse acontecer. Viajando em conjunto dava-nos uma sensação de protecção.

Depois de 4 horas de caminhada, já quase não nos lembrávamos da ameaça dos Maois.

-Talvez, eles se tenham entranhado na selva, para fugir às represálias do exercito - Disse um dos Suecos.

- Se eles aparecerem, eu vou dizer que sou Sueco. - Disse o inglês.

Era compreensível o seu medo, já que, Inglaterra apoiava o governo nepalês. Portanto também eles eram inimigos. Talvez se os Maois descobrissem a sua nacionalidade o quisessem raptar ou pior.

Quando chegámos ao primeiro grande pico - 3,530 m - pelo menos assim o era para mim, já que nunca tinha estado a semelhante altura, apressei o passo. Para ser o primeiro a chegar ao topo. Olhos no chão, mãos nos joelhos, para ajudar as pernas a moverem-se.

Caminhava o mais depressa que podia. Lançei um último olhar para ver a que distância estava do topo. Foi aí que as minhas pernas se

estagnaram, à visão de um homem, com uma metralhadora ao peito. O seu olhar, parecia parado no ar, vendo-nos subir. Dei uma olhadela sobre o ombro, para ver onde estavam os outros. Nenhum deles se tinha apercebido do homem no topo da montanha e continuavam a caminhar de cabeça baixa. Olhei para o homem uma vez mais, medindo a distância, entre mim e ele. Pensei, não valia a pena fugir, afinal de contas, se ele nos quisesse matar, poderia fazê-lo sem problemas. A sua posição elevada e a pouca distancia entre nós, fazia com que fossemos alvos fáceis. Com um respiro profundo, continuei a caminhar em direcção a ele.

-Namaste - Disse pondo as mãos junto ao peito e baixando a cabeça.

- Namaste - respondeu ele com um sorriso.

Olhei para o lado oposto, da montanha que tinha subido e vi o resto dos guerrilheiros. Eram cerca de 50 quase todos sentados, esperando, pensei eu pelos outros que ainda subiam. Voltei a olhar para trás, os meus companheiros já se tinham apercebido que algo estava mal. Como se lendo os seus pensamentos, disse:

- Venham, não vale a pena fugir.

Vendo o ar aterrado do inglês, caminhei ao seu encontro.

Sussurrando-lhe ao ouvido.

- As balas correm mais que nós, tem calma, tudo vai correr bem.

Sentámo-nos no topo da montanha, a meu pedido. Não queria dar a entender que tínhamos algo a esconder. O grupo guerrilheiro, era composto por homens, mulheres e crianças. Nenhum deles tinha uma farda completa e alguns nem sequer calçado. As armas eram um uma mistura, algumas bastante novas, outras, porém, pareciam tiradas dum museu. Passados alguns minutos, um dos elementos mais novos, apontou uma bazuca na nossa direcção. Um género de brincadeira, pensei, mas achei por bem pedir aos outros para começarmos a descer, sem nunca dizer o que tinha visto. Não valia a pena, acrescentar mais stress, àquele em que já estávamos. Na descida vimos todos os soldados que ainda subiam. Cumprimentávam-nos dizendo, - namaste- que significa olá ou como estão. A meio da descida, um membro parou o inglês e perguntou-lhe:

- Posso fazer-te uma pergunta?

O inglês entrou em pânico, as palavras não lhe saíram. Como um redemoinho, lançou-se a correr pela montanha abaixo, passando por muitos outros soldados, que o poderiam ter parado a qualquer momento.

Eu e os Suecos ficamos ali de boca aberta, com um sorriso de parvos sem saber bem o que fazer. O elemento dirigiu-se

a mim e perguntou uma vez mais.

- Posso fazer-te uma pergunta?

- Sim,.....

Respondi um pouco hesitante.

- Podes dar-me a tua maquina fotografica?

Quando alguém tem uma arma à cintura e te faz tal pergunta, a resposta não é fácil. Mas com uma resposta rápida e sincera disse:

- Não, preciso da máquina, para tirar fotografias ao teu país, que é tão bonito.

O homem sorriu, como todos aqueles que estavam ao seu lado. Com este clima "relaxado" comecei novamente a descer.

Mais tarde, os outros dois Suecos, disseram que eu era doido, por ter-me negado a dar a câmara. Que eles poderiam fazer isso e aquilo.

Eu não entendia a sua preocupação. Se ele realmente quisesse a câmara, bastava apontar-me a arma e eu teria que lha dar.

Mas se ele me pediu eu não ia dizer, toma lá.

Deixei os meus companheiros para trás, não que não gostasse da companhia, mas queria telefonar à minha namorada, no seu dia de anos.

O único sítio, onde me disseram que podia telefonar, era em Jubing.

Aparentemente havia alguém que tinha um telefone por satélite. O

problema, é que teria de andar a distância de dois dias num só, assim

parti sozinho. Corri o mais que pude, não parei para comer, só queria

ouvir a sua voz. Todos os dias era com ela que eu acordava e todas

as noites era com ela que eu adormecia. Eu amava-a, amava-a mais que à

minha própria vida, talvez, mais que ao meu próprio sonho. Era com a distância, que mais sentia a sua falta e todas as noites por ela chorava.

No final do dia, as minhas pernas tremiam, os meus olhos quase que não aguentavam as lágrimas. Tinha medo de não ter mais forças para andar e não poder ouvir a sua voz. A última grande subida deparava-se à minha frente, antes de chegar a Jubing. As minhas pernas pareciam negar-se a mover, só tinha vontade de sentar-me e chorar. Uma jovem rapariga, apareceu do nada e como que vendo a minha dor, fez-me um gesto para que eu a seguisse. Ela esperava por mim sempre que me sentava, por não poder mais. Em Jubing, levou-me pelo labirinto de pequenas ruas, até um local para dormir, o mesmo local onde poderia telefonar. Depois desapareceu, da mesma maneira que apareceu, como um anjo. Nunca lhe pude agradecer, nunca troquei uma única palavra com ela, mas desde esse dia ela vive dentro de mim.

O rapaz, que tomava conta do sítio onde dormi, fez um grande elogio, ao meu casaco e calças de ganga. Assim arranjei maneira de trocar com ele a minha roupa por uma mais adequada para o clima das montanhas. No outro dia parti com umas calças e casaco da North Face. Estava em Nache Bazar, uma vez mais dos Maois. Os confrontos tinham-se intensificado, muitos países aconselhavam aos seus cidadãos para deixarem o país. Em Nache Bazar, a partir das 17.30 h, ninguém podia andar nas ruas, ordem dos militares. Ouviam-se rajadas de metralhadora frequentemente ao longo das noites. Em Dole (4.360m), passei uma noite inteira acordado, devido aos confrontos, que pareciam estar a poucas dezenas de metros de onde estava.

Cheguei a Gokyo estoirado, apesar da caminhada ter durado apenas algumas horas. A altitude fazia com que me movesse devagar e com muita dificuldade. Uma dor de cabeça horrível parecia cegar-me e fez-me pensar em desistir. Gokyo (4900m), é um sitio magico, não é mais que um pequeno número de casas defronte a um lago azul, tão azul como o seu sobre ele. Montanhas pintadas a branco são o pano de fundo. Conheci 3 Australianos no mesmo dia que cheguei, estavam a alta altitude já à algum tempo e agora preparavam-se para subir uma montanha de 6.000m. Vendo o meu interesse perguntaram se eu gostaria de ir com eles. Eu só tinha estado a 4.900m algumas horas, sabia que deveria estar pelo menos 3 dias para me habituar ao ar fino e pobre em oxigénio. Sabia também que era uma oportunidade única, já que eu sozinho jamais me meteria nisso. No dia seguinte saí com eles, demorámos 3 horas para chegar à base da montanha. O Australiano mais experiente ia à frente, tentando encontrar o melhor caminho. A subida foi incrivelmente difícil, abria a boca para engolir ar, como um peixe fora de água. Os outros perguntavam constantemente se queria voltar para trás. Relembavam-me que deveria estar mais tempo a alta altitude para me habituar. Com um olhar de cansaço, entre respiros profundos, respondi: - Não....., eu, vou conseguir.

Depois de 4 horas tínhamos chegado ao topo, os meus olhos não aguentaram as lágrimas. Ali estava eu, no topo de uma montanha de 6.000m. De um lado podia ver 3 lagos gelados, do outro o Evereste, as montanhas mais altas do mundo, o Tibete. Quem diria, que o rapaz das calças de ganga e dos sapatos de 20 euros, estaria ali. Imaginei, o que os Suecos e o inglês pensariam de mim agora. Talvez não tivesse o equipamento, talvez não tivesse a experiência, mas tinha um sonho. E dele, tinha nascido a realidade da minha vida. Era por isso que chorava, porque estava a viver o sonho, que um dia tinha sonhado.

Parti em direcção a Evarest base camp. Escolhi o caminho que me parecia mais rápido, ainda que todos me dissessem que era o mais perigoso e difícil. Em apenas 10 horas, poderia chegar à base camp. Em vez de 3 dias, que demoraria se fosse pelo caminho mais longo. O caminho mais longo, era o mais utilizado, porque não tinha um grau de dificuldade tão grande. Aquele que eu tinha escolhido, era o menos viajado, portanto, havia uma maior facilidade de me perder. Como

também, uma maior dificuldade de ser ajudado. O caminho que escolhia, tinha várias etapas de dificuldade, primeiro tinha de passar um glaciar, depois tinha de andar cerca de 8 horas a uma altura de 5000m.

O gelo derretia por debaixo dos meus pés, não havia caminho certo por onde seguir. Escorregava, caía, voltava a pôr-me de pé, só para voltar a cair outra vez. Em algumas partes, seguia de gatas ou a rastejar, para evitar as quedas e para espalhar o peso do meu corpo, de modo a não cair na água gelada. Passado algumas horas lá tinha passado o glaciar. Havia um caminho para a direita, outro em frente. Escolhi aquele que me parecia melhor, o mais usado. Andei e andei, até o pôr do sol me lembrar, que uma noite ao relento, aquela altitude, poderia ser a última. Já quase ao anoitecer, vi uma pequena casa. Dois homens trabalhavam na construção de um muro de pedra. Duas mulheres, saíram de casa, com um ar espantado. Entendi, de imediato, que não estava no local certo. Abri o mapa sobre o muro de pedra, perguntando onde estava. Depois de um olhar atento, o homem mais velho, apontou para fora do mapa. Com a noite a bater à porta, não tive outra escolha, senão pedir para dormir ali essa noite. Depois de uma refeição de batatas, vegetais e arroz, comida entre risos e olhares tímidos fomos dormir. Deitei-me junto à parede, com o rapaz mais novo junto a mim. Logo a seguir estava o homem mais velho, com as duas mulheres no final. Um pequeno fogo, ardia a poucos metros de nós e o vento subia lá fora. Foi uma das noites mas mágicas e irreais da minha vida.

O tempo piorou, obrigando-me a mudar de rota. Perguntei ao homem mais velho, que caminho tomar, para ir até Nache Bazar. Por linguagem gestual, mostrou-me a direcção certa.

Depois de pagar, 3 vezes mais, do que me tinham pedido, parti. Todos os membros da família, estavam defronte da casa. As mulheres rezavam e os homens abanavam as mãos dizendo adeus. Enquanto caminhava, pensava naquela família, naquela noite. Nunca trocámos uma só palavra, na língua que o outro entendesse, contudo havia um entendimento perfeito de olhares, risos e gestos. No meio de todas as nossas diferenças, éramos iguais no destino final. Pensava na minha realidade, que era tão diferente da deles. Qual seria a sua visão do mundo? Quais seriam os seus sonhos? As suas preocupações? Porque viviam eles ali, no meio do nada?

O muro de pedra, dizia-me que estava perto de Nache Bazar. O nevoeiro era serrado, não me deixando ver, mais que um ou dois metros defronte a mim. Uma rajada de metralhadora, rompeu o silêncio como um trovão. Lançei-me ao chão, com as mãos sobre a cabeça, o som parecia vir de todo o lado mas de nenhum lado em concreto. Rastejei até ao muro de pedra, procurando abrigo. Fiquei ali alguns segundos, a tentar perceber o que se estava a passar, na indecisão do que fazer. Ao som de cada nova rajada, a minha cabeça, enterrava-se entre os meus ombros. A poucos metros de mim, vi outras 3 pessoas, também elas abaixadas atrás de um muro. Com toda aquela confusão e nevoeiro, tinha perdido a noção da direcção para onde ia. Então, comecei a seguir essas 3 pessoas, eles pareciam carregadores. Tinha a certeza, que eles sabiam para onde ir. Eles não pareciam guerrilheiros, já que não tinham armas, mas mesmo assim segui-os à distancia, não fossem os disparos para eles.

- Que fazias na rua?

Perguntou a dona da casa onde tinha entrado para dormir.

- Ninguém pode andar na rua depois das 5, podiam-te ter morto.

- Sim, eu sei.

Respondi, ainda abalado com o sucedido.

Em Nache Bazar, ouvi da boca de outros viajantes, a história dum rapaz que tinha enfrentado os Maois. Era uma história fantástica. Demorei algum tempo, a entender que a história era acerca de mim. Os Suecos e o inglês, tinham contado o nosso episódio com os Maois. A história foi crescendo, à medida que foi contada de boca em boca.

Agora sem saber porque, eu era um herói e o centro das atenções.

Os combates estavam-se a intensificar e o mau tempo tinha vindo para ficar. Em Lukal, esperei por 3 dias, que um pequeno avião aterrasse, mas devido ao mau tempo ou aos combates só no quarto dia pude partir. Mesmo assim debaixo de fogo.

Parti para a Índia, passado alguns dias de ter voltado a Katmandu. Foram 22 horas de viagem, feitas num autocarro e dois jipes até chegar a Darjiling. Mais uma vez, a direcção escolhida tinha sido ao acaso. Olhei para o mapa e por alguma razão, que nem eu sei qual, tinha decidido ir até lá. Ao longo da viagem, conheci um rapaz nepalês, que vinha a Darjiling para comprar roupa, que mais tarde iria vender no Nepal. Ele tinha-me ajudado ao longo da viagem, a descobrir que jipes devia apanhar. Agora estávamos a dividir um quarto. Ele tinha muitos amigos em darjiling, que me receberam de braços abertos em sua casa.

A casa era muito pequena, com as paredes forradas com posters de actores e atrizes indianos. Há noite sentávamo-nos no chão e comíamos, a ouvir musica pop indiana. Um deles era professor de dança, dava aulas a crianças até aos 16 anos. Com orgulho, dizia:

- Somos uma das melhores escolas do norte de Índia. Dentro de uma semana, vamos ter um concurso, se quiseres podes ir connosco para ver.

- Sim, claro que sim, será um prazer.

Darjiling, fica no noroeste indiano, a fazer fronteira com o estado de Sikkim. A proximidade com o Tibete, Bhutan, Bangladesh e Nepal, faz com que seja um importante cruzamento de bens e pessoas. Isso nota-se na fisionomia das pessoas, costumes, roupa, comida e religião. Apesar da Índia ser oficialmente Hindu, as pessoas nesta área são predominantemente Budistas. Os templos nos topos das montanhas relembram-nos disso mesmo. Quando andei pelas ruas de Darjiling, com o meu amigo nepalês, tive uma grande surpresa. Ele enroscou o seu braço ao meu, com a maior das naturalidades. Eu via outros homens fazerem o mesmo, andando pelas ruas de mãos dadas, como se casais de namorados se tratassem. Mas isso não me deixava mais à vontade e era com dificuldade que andava nas ruas. Tentava usar o braço para tudo e mais alguma coisa. Mas no final, sempre acabava mãozinha com mãozinha, ou de braçinhos enroscados. No final, deixei de tentar fugir ao inevitável, apenas rezava que os meus amigos nunca viessem a saber disso.

O concurso de dança era realizado em Shiliguri, uma cidade a 80 Km de Darjiling. Não era no concurso em si, que eu estava interessado, mas essa era uma excelente oportunidade para conhecer este povo e os modos de vida. Aceitei a boleia, com muito agrado. De manhã cedo, estava no local marcado. As crianças estavam eufóricas quando viram o veículo que nos ia levar. Para meu espanto era um camião de areia, sorte que não tinha areia. Saltámos todos lá para cima e lá fomos entre canções e risos até shiliguri.

Depois de dois dias vendo crianças a dançar e vivendo como um verdadeiro Indiano, comecei a descer para sul. Em Bombaim desfrutei do melhor que as cidades têm para nos dar, cinemas e uma variedade de restaurantes que não encontramos nos sítios pequenos. Além disso, nas cidades podemos encontrar tudo o que queremos, com muito mais facilidade. Mas a verdade é que eu não gosto das cidades, em especial das grandes. Nelas encontramos as pessoas mais ricas do país, vemos carros do último modelo a desfilar pelas ruas, vemos bancos, escritórios, apartamentos. Mas é aqui também, que vemos o pior da sociedade e em especial em países como à Índia. A pobreza e a riqueza vivem de braços dados, os mais pobres apanham o lixo dos mais ricos, limpam os esgotos a céu aberto, sem que tenham nenhum tipo de equipamento. Recolhem o estrume de animais e mendigam pelas ruas. Apesar do sistema de castas estar oficialmente abolido na Índia, a realidade é muito diferente. A classe mais baixa, é chamada de intocáveis, é assim chamada, porque as outras classes não lhes querem

tocar. Desde o momento de nascimento, a sua vida é traçada. Os únicos trabalhos que podem fazer, são, a lavagem de roupa que contenha fezes ou sangue. No abate de animais e no trabalho da sua pele, ou a mendigar pelas ruas. Muitos são os pais, que cortam os membros dos filhos, para esses terem mais sucesso quando pedem nas ruas. Os intocáveis não podem beber água ou tomar banho, das mesmas fontes das outras castas. Não podem tocar ou ser tocados por nada ou ninguém. Nos primeiros dias que tinha chegado à Índia, não entendia porque as pessoas olhavam tanto para mim, achava estranho porque queriam tocar-me. Odiava aqueles seus olhares estagnados, que se mantinham sem não ter fim. Agora, envergonhava-me os meus pensamentos e sentimentos. Como podia eu julgar aquela gente, sem não saber da sua dor, sem nunca saber da verdade.